Jornal UFG

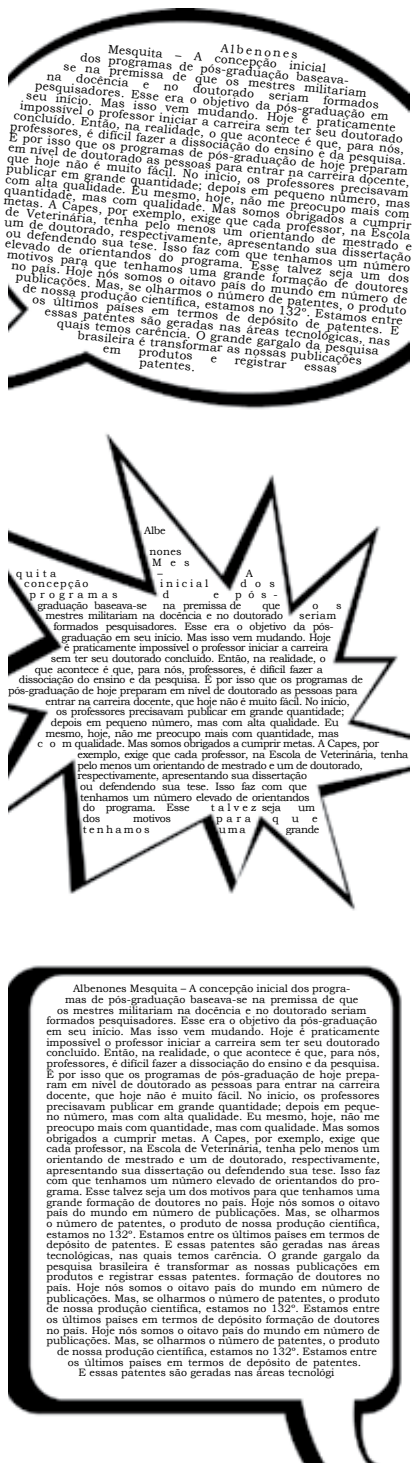
Impresso Especial
9912229887-DR/GO
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – ANO V – Nº 40 – SETEMBRO 2010

Arte e ciência na academia

Essencialmente distintas, arte e ciência propiciam aos indivíduos a experiência de conhecer. Na confluência da imaginação da arte e do empirismo da ciência instalam-se a criação e a geração do conhecimento. Uma das funções da universidade é estabelecer pontes para que a sociedade participe ativamente desses processos. Confira nesta edição do **Jornal UFG** algumas das ações promovidas pela universidade para cumprir essa função.

Galeria, teatro e cinema: saiba como a universidade pensa e apresenta a arte (páginas 2, 12 e 16)



Comunidade científica promove discussões sobre educação básica e áreas estratégicas para a pesquisa. Confira na Mesa-redonda (páginas 6 e 7)

Acadêmicos de diversos cursos mobilizam-se para atender a comunidade (páginas 10 e 11)

Pesquisa sobre as propriedades nutricionais da amêndoa do baru tem repercussão internacional (página 13)

Olimpíadas científicas: uma contribuição da universidade para despertar o interesse em crianças e adolescentes pela ciência (páginas 8 e 9)

Werner Aguiar *

EDITORIAL

Entre carpinteiros e artistas

Certa vez, um grande amigo, ao final de uma conferência que proferia sobre música no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro, foi indagado a respeito do que o compositor, além de, é claro, compor, poderia contribuir para a sociedade brasileira. Sentado que estava, ante uma bela mesa feita de madeira, respondeu ironicamente que ninguém jamais perguntaria a um carpinteiro se, além da mesa, ele também poderia fazer uma composição musical como forma de contribuir para a sociedade.

Pois bem, é bastante frequente olhar o fenômeno artístico como algo que precisa ser justificado por noções como a contribuição que possa dar para a sociedade ou ainda ser tratado como uma forma de aproximação com esta. Digamos que isso talvez pudesse ser compreendido como um dos legados da expulsão do poeta da pólis levado a cabo na filosofia de Platão. O poeta seria admitido na sociedade (pólis) apenas se cumprisse uma *função* laudatória do Estado. Grifo a palavra função, pois é esta a ideia subjacente às articulações sobre a contribuição da arte para a sociedade. Por isso, é também comum a indagação que pergunta pela função social da arte.

Certamente que a arte, assim como a própria universidade brasileira, é confrontada a dar respostas ao investimento público, em que pese o fato de este ser sempre insuficiente, a despeito de o discurso oficial querer permanentemente expressar ou convencer do contrário. Para tentar responder a esse tipo de questionamento e colocar a arte numa perspectiva menos trivial do que a da funcionalidade, será interessante confrontá-lo com um outro que chegou até nós através do dizer poético de Friedrich Hölderlin: "cheio de méritos, mas poeticamente o homem habita esta terra".

Os versos de Hölderlin não falam de uma função da arte, seja ela política, social, econômica ou cultural. Certamente que a cultura como um cuidar e colher do crescimento das coisas implica um construir. Porém, como um modo essencial de ser do homem, esse habitar não tem nada a ver com suas construções, isto é, com os méritos dos quais o homem está tão cheio e "pré-ocupado", mas com o fato de ele, mesmo sem saber, tomar o poético como medida. O poético de que Hölderlin fala é justamente esta dimensão em que o homem se revela humano, a saber, sua capacidade de transcender e se fazer transitar no caminho do não-ser ao ser, do desconhecido ao conhecimento, do nada à realização de si mesmo. Essa dimensão poética atende pelo nome de arte. É nela que se dá a essência do habitar humano sobre essa terra. Por isso, o homem só pode construir (ser cheio de méritos) porque ele já é uma consequência de seu modo de habitar a terra.

Desse modo, a Exposição da FAV, Animais de Concreto; o Núcleo de Pesquisa do Espetáculo, Máskara; o evento de Teatro pós-dramático e o novo curso de Direção e Produção de Arte da EMAC não dizem respeito a mais algumas entre tantas outras construções da cultura que necessitam se justificar perante a sociedade, mas tratam diretamente daquilo que ao ser humano é mais essencial e que, portanto, dimensiona-o enquanto tal: a arte, o que é próprio do seu habitar poético sobre esta terra.

*Werner Aguiar
coordenador de do curso de Bacharelado em Música

CÂMPUS EM FOCO

Galeria de Arte abre nova exposição

Em agosto a Galeria de Arte da Faculdade de Artes Visuais (FAV), no Câmpus Samambaia, trouxe a exposição Animais de Concreto, de Alex Hornest. Parte da obra do artista constitui-se de imagens de animais africanos pintados em seu habitat para remeter à noção de liberdade, em grafitti espalhados pelo câmpus. Dentro da galeria estão as esculturas de animais aprisionados em jaulas e caixas. A ideia é representar as diferenças de comportamento nessas duas situações distintas e levar, de modo subjetivo, o espectador a refletir sobre a liberdade. Em oficina, os estudantes da FAV ajudaram o artista na montagem da exposição.

Fotos: Carlos Siqueira

Evento comemora Dia do Nutricionista

A Faculdade de Nutrição (Fanut) da UFG realizou no dia 27 de agosto, o workshop "Fomação do nutricionista: contextualizando o momento atual". O evento marcou as comemorações pelo Dia do Nutricionista, celebrado em 31 de agosto, e pelos 35 anos da Fanut. O evento discutiu os projetos políticos pedagógicos e propôs reflexões sobre as diretrizes curriculares. A nutricionista e assessora técnica do Ministério da Saúde, Teresa Passarella, apresentou as Políticas de Integração Ensino - Serviço na Formação em Saúde, e destacou a importância do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde). Em todo, o país, há atualmente cerca de 1.100 unidades básicas de saúde envolvidas no PET-Saúde. Ela destacou que o programa facilita o processo de interação entre ensino e serviço para a comunidade.

Vice-procuradora geral da República faz palestra

Como parte das comemorações dos 112 anos da Faculdade de Direito, o Centro Acadêmico XI de Maio (Caxim) convidou a vice-procuradora geral da República, Deborah Duprat, para uma sessão especial. Ela ministrou palestra aos estudantes e professores no dia 30 de agosto, abordando o tema "promoção e acesso aos direitos fundamentais das populações indígenas". Declarando-se uma militante em favor das culturas minoritárias desde a década de 1980, a vice-procuradora comentou sobre a importância de se estudar Antropologia e Filosofia para compreender a natureza do discurso jurídico, propondo-lhe mudanças. Déborah reconheceu que existem muitos desafios culturais no reconhecimento dos direitos dos povos indígenas. Em tom professoral, a vice-procuradora provocou os estudantes, convidando-os a "tirarem seus ternos" e partirem para as ruas, para o campo e para a mata, como forma de conhecerem a realidade e a vida de comunidades que por muito tempo foram negligenciadas do convívio social.

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO V – Nº 40 – SETEMBRO 2010

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – Reitor: Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Eriberto Francisco Bevilaqua Marin; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – Coordenadora de imprensa e editora-geral: Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Michele Ferreira Martins; **Editora-assistente:** Kharen Stecca; **Conselho editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Célia Sebastiana Silva; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Maria José Soares e Ana Paula Ribeiro; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Gomes Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Redatora:** Agnes Arato; **Repórter:** Patrícia da Veiga Borges; **Colaboradores:** Adriana Rodrigues; **Estagiários:** Angélica Queiroz, Marcela Guimarães, Flávia Cristina Gomes, Renato Joseph, Illa Rachel, Tiago Gebrim (jornalismo) Nayara Nery (Design Gráfico) e Jaqueline Telis (fotografia). **Bolsistas:** Abner Vinícius Alves Peres e Nádilla Cardoso. **Secretaria administrativa:** Leonardo Rezio.

Impressão: Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

A sutileza das ligações entre arte, cultura e filosofia

Rosa Maria Dias se interessou pelo filósofo Nietzsche quando partiu para continuar seus estudos em Londres, receosa da perseguição política que existia no Brasil no final da década de 1960. No exterior, ela e mais um grupo de amigos se reuniam para discutir temas como metafísica, estética e arte tratados na obra de Nietzsche. Foi a partir daquelas discussões que Rosa Maria Dias encontrou alguns dos questionamentos que posteriormente desenvolveria em suas pesquisas no mestrado e no doutorado. Autora de inúmeros livros e premiada pelos roteiros dos filmes *A erva do rato* e *Dias de Nietzsche em Turim*, do cineasta Júlio Bressane, Rosa Maria falou com o **Jornal UFG** sobre a importância dos estudos de Filosofia e a relação dessa disciplina com as expressões artísticas, com a cultura e com a educação.

Adriana Delbó* e Michele Martins

Com base na obra de Nietzsche, que diferença existe entre a aceitação da vida tal como ela é e o conformismo? Que aceitação seria essa?

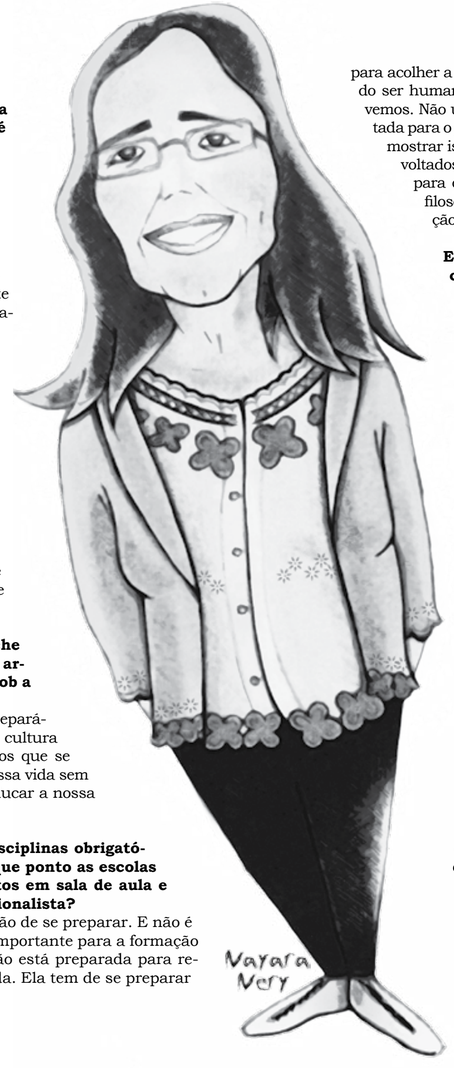
A frase "tornar-se aquilo que é" é difícil de entender. Parece que você já é alguma coisa ou vai se desenvolvendo. Claro que não é uma submissão ao mundo tornar-se aquilo que é. Eu acho que, na verdade você não é algo, o sujeito, o Estado. Você não é tanta coisa. Está sempre na construção de si mesmo, se produzindo. Parte de uma plenificação da existência e justamente de dar estilo ao seu caráter, de criar um programa para as suas atividades, pensando que a atividade é tudo, que existe um substrato que está ali para se desenvolver, ou não desenvolver, mas que só existe uma atividade e essa atividade é sempre de produção. Eu acho que se pode sair dessa ideia de que já existiria uma coisa dada à qual se teria de submeter-se. Não é isso. Na verdade, estamos sempre construindo alguma coisa, que também será desconstruída para ser construída de novo. Temos de pensar a existência a partir da experimentação mesmo. Assim, não há conformismo diante de alguma coisa, no sentido de que, inicialmente, para Nietzsche, não existe nada dado. Tudo o que existe é a atividade, que está em conformidade com a própria vida.

A senhora tem trabalhado o legado de Nietzsche sob a perspectiva da educação e da expressão artística. Como essas áreas estão entrelaçadas sob a perspectiva do filósofo?

Para Nietzsche, educação e cultura são inseparáveis. Não há diferença. Sem educação não existe cultura e sem cultura não existe educação. São dois polos que se imagina que são separados, mas o que seria da nossa vida sem as artes, sendo que elas são uma forma de autoeducar a nossa civilidade?

Filosofia, Sociologia e Música tornaram-se disciplinas obrigatórias na rede pública de educação básica. Até que ponto as escolas estão preparadas para lidar com esses assuntos em sala de aula e como não tornar esse ensino puramente funcionalista?

Se as escolas não estiverem preparadas terão de se preparar. E não é qualquer tipo de filosofia. É um tipo de filosofia importante para a formação humanística do estudante. Se a universidade não está preparada para receber a filosofia, ela não está preparada para nada. Ela tem de se preparar para acolher a filosofia e usá-la como elemento transformador do ser humano. O filósofo vem nos mostrar aquilo que não vemos. Não uma filosofia irreversível, mas uma filosofia voltada para o pensamento. Acho que a filosofia tem o papel de mostrar isso para as pessoas, porque nós estamos muito voltados só para a ação, o mercado de trabalho e não para o aprimoramento do indivíduo. O professor de filosofia tem de chamar atenção. A maior contribuição da filosofia é ensinar a pensar.



E o que a obra de Nietzsche tem a oferecer nesse sentido?

A educação. Esse é o grande esquema dele. Agora mais do que nunca. Eu acho que a filosofia e a educação são indissociáveis da cultura. Não pode haver essa separação, embora se ouça, durante os períodos de propaganda política, todo mundo separando a educação da cultura. Como se isso fosse possível. O que Nietzsche propõe é uma formação humanística, voltada para que o indivíduo possa pensar, possa existir, criar, modificar alguma coisa. Qual o papel da filosofia no programa de ensino? A filosofia tem um papel fundamental. É ela que ensina a pensar. Um tipo de filosofia em que se exigisse somente a compreensão do corpo teórico e este fosse repassado aos alunos, exigindo-se deles apenas que dessem conta desse corpo teórico, não seria fazer filosofia. Para Nietzsche isso não é fazer filosofia. Ele é crítico quanto ao tipo de ensino preso a um texto. O importante é interagir e ensinar o aluno a pensar, mesmo com o corpo teórico que se utilizava apenas como tal. Às vezes, nas escolas, as pessoas não pensam. Mas por que é tão importante? A filosofia de Nietzsche também nos ensina a pensar. Se estamos vivendo essa apatia, estudantes com dificuldade de reivindicar, fazer resistência, é porque faltou filosofia para eles. Acho esta uma questão importantíssima.

*Professora da Faculdade de Filosofia da UFG

Veja outros trechos da entrevista em www.jornalufgonline.ufg.br

Mudanças de comportamento em manchete

A passagem dos anos 80 para os 90 foi marcada por transformações no comportamento da comunidade universitária, que sofreu as influências da Reforma Constituinte e as consequências do acidente com o césio-137. O *Jornal da Universidade*, publicação oficial que marcou o período, narrou essa história

Patrícia da Veiga

A reabertura política de 1985 trouxe ao Brasil a vibração do discurso democrático e das reivindicações populares, oriundas de diversos segmentos (como os movimentos estudantil, feminista, negro e sindicalista, dos trabalhadores sem-terra, dos posseiros urbanos, dos educadores populares, das comunidades eclesiais de base etc.). A liberdade estava na fala das pessoas e era a palavra de ordem dos que buscavam reconstruir o cenário social do país. Os ares da Nova República e a caminhada para uma nova Constituição Federal, promulgada em 1988, influíram fortemente no comportamento da comunidade universitária.

O *Jornal da Universidade* (JU), publicação mensal da Assessoria de Comunicação que existiu entre fevereiro de 1988 e dezembro de 1989, foi um dos responsáveis pelo registro dessa história. A participação da UFG nos debates realizados no Congresso Nacional em prol da manutenção do ensino público e gratuito e da criação de um dispositivo para assegurar a educação como um direito social (prevista no artigo 6º), foi registrada na edição nº 10, de novembro de 1988, com uma avaliação das entidades representativas das categorias de estudantes, servidores docentes e técnico-administrativos. Acreditava-se, à época, que a experiência teria efeitos já em 1989, ano em que o regimento interno da universidade seria reformulado.

A primeira Assembleia Estatuinte, que reuniu 60 participantes, foi retratada pelo JU no mês de outubro, em tom de expectativas quanto a um futuro inclusivo. Assim, foi anunciado: "temas polêmicos como democracia, paridade, autonomia, vão balançar as estruturas, acirrar os debates e dar vida à comunidade universitária".

O cotidiano e o desejo da juventude de quebrar padrões de comportamento também foi tema recorrente. Uma reportagem de março de 1988, por exemplo, cujo título era "fumar maconha: a descoberta dos anos 60 hoje pega fogo", acendia a polêmica entre os leitores do JU, sem se esquivar de falar do que era realidade entre os jovens estudantes.

Na atmosfera questionadora do ambiente acadêmico pairavam, contudo, os problemas de ordem financeira, que toda universidade pública enfrentou no fim da década de 1980, em razão dos escassos recursos destinados pelo governo federal. Essa era uma das consequências diretas da hiperinflação, da insuficiência do Plano Cruzado e da estagnação econômica mundial. Na segunda edição do JU, de março de 1988, uma das reportagens centrais abordou o problema do quadro de pessoal, motivo de sucessivas greves nos anos imediatamente anteriores. "Há quase cinquenta disciplinas sem professores, afetando principalmente os cursos de Enfermagem, Nutrição, Comunicação, Matemática e Computação", denunciou. No mês seguinte, a polêmica foi sobre o Restaurante Universitário, ocupado pelos estudantes por causa do aumento do preço do vale-refeição.

Uma matéria de junho de 1989 perguntava: "como conseguimos crescer num momento de crise?". Faltava desde material de consumo básico até corpo docente especializado e a preocupação era com o alarme da desestatização das instituições federais de ensino superior. O convênio do Ministério da Educação com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, conhecido como MEC/BID-III, assinado em 1983 e executado em 1989, destinou US$ 12 milhões para a ampliação da estrutura física dos câmpus Colemar Natal e Silva e Samambaia, mas não previa a resolução dos outros problemas estruturais.

Esse descompasso fez com que o reitorado de Joel Pimental de Ulhôa fosse bastante inflamado. Em seu relatório de gestão, com data de 1989, o professor comentou episódios de protesto como a ocupação de seu gabinete por estudantes de Artes e um enterro simbólico feito pelos técnico-administrativos. Para ele, tratava-se de um bom sinal: "...estou plenamente convencido do valor pedagógico da liberdade".

Pesquisa – O *Jornal da Universidade* (JU) deu prioridade também à pesquisa, com a publicação de dois cadernos especiais: "Ciência" e "Centro-Oeste" – o último em parceria com a Universidade de Brasília (UnB). A aplicação das investigações na sociedade, principalmente depois do acidente com o Césio-137, foi uma das preocupações da UFG. O fato, aliás, reuniu esforços multidisciplinares que envolveram cursos como Biologia, Geografia, Engenharias, Antropologia e Medicina na criação do Núcleo de Acompanhamento dos Efeitos do Acidente Radiológico de Goiânia (NUAC).

Na edição de março de 1988, o destaque do JU foi para o projeto coordenado pelo professor Valter Toledo, do Departamento de Biologia Geral, que começava a observar as transformações no organismo das vítimas diretamente atingidas pelo material radiológico. Em junho do mesmo ano, a notícia veio da Faculdade de Direito, que realizou seminário avaliando as implicações jurídicas do acidente. A reportagem relatou também a situação da vida dos moradores da Rua 29-A, temerosos e recebendo assistência precária por parte da Superintendência Leide das Neves. Em setembro de 1988, um ano depois, a preocupação foi com o legado às gerações futuras: "Césio: ainda não há solução para o lixo".

JORNAL DA Universidade

Césio: ainda não há solução para o lixo

COOPERAÇÃO
Controle das doenças do solo une UFG e França

Invasores ou posseiros?

• UFG pesquisa plantas
• Processo de assoreamento no Ribeirão
mineralizantes em Goiás (pág. 5)
João Leite se agrava (Pág. 14)

RELATÓRIO 1986/89

Compromisso com a escola pública

Aluno quer estudar: cadê o professor?

O ano letivo começou, na UFG, com o mesmo problema de anos anteriores. Há quase cinquenta disciplinas sem professores, afetando principalmente os cursos de Enfermagem, Nutrição, Comunicação, Matemática e Computação. Nos cursos de Comunicação, Letras, Ciências Sociais e Pedagogia, os professores estão concentrados em disciplinas específicas. Os problemas deve se agravar, segundo informações da Vice-Reitor, Professor Umberto Ferreira. Até o momento em que sentaram os dados as unidades, o professor Ibico Ribeiro Filho, da Faculdade de Direito, não chegaram.

A contratação de pessoal no Serviço Público Federal é proibida por Lei. Desde o início, o Governo Sarney vem mantendo essa proibição. As universidades não se vem possibilidade, porque há exceções para a contratação de professores e de disciplinas. A situação ficou mais grave na área de Ciências Sociais. Os professores estão contratados provisoriamente. No início, poderiam fazer até dois anos. De um ano para cá, por força de decreto, as prorrogações ficaram por um ano.

A primeira dificuldade encontrada, segundo o Professor Ibico, é a falta de pessoal. Na UFG, são 6 mil alunos e 300 professores. "A Universidade precisa ser reformulada", diz o Pró-Reitor de Graduação, professor Ibico Moreira, em parte a com pilha de estatísticas sendo dos estudos.

Ele sem dificuldade muito grande em saber qual é o número de professores em atividade na UFG. Sabe-se, porém, que 1/3 deles estão afastados para a Pós-Graduação. Segundo informações da Vice-Reitor, Professor Umberto Ferreira. Até o momento em que sentaram os dados as unidades, o professor Ibico Ribeiro Filho, da Faculdade de Direito, não chegaram.

A contratação de pessoal no Serviço Público Federal é proibida por Lei. Desde o início, o Governo Sarney vem mantendo essa proibição. As universidades não se vem possibilidade, porque há exceções para a contratação de professores e de disciplinas. A situação ficou mais grave na área de Ciências Sociais. Os professores estão contratados provisoriamente. No início, poderiam fazer até dois anos. De um ano para cá, por força de decreto, as prorrogações ficaram por um ano.

DIREITO SOLUÇÃO ENCONTRADA

A Faculdade de Direito da UFG tem 1.500 alunos e 50 professores. Dois anos atrás, um grupo de estudantes, liderados por Jonathas Silva, Secretário de Assuntos Civicos do Barro Leveiro, com licença prêmio, e Vitmar Rocha, dependendo ainda por pós-PG, foram ao Reitor e ao Pró-Reitor Ibico Moreira, em busca de uma solução para o problema. Foram atendidos no curso. O dia 1º de 2º ano de Direito. Segundo Dayrell, "nos 1º ano foram observados nos dois primeiros meses". O professor Carlos Augusto Dayrell, da Faculdade de Direito, não chegou a ser substituído, e os alunos ficaram sem aula. Ele cita que não tinha

A SOLUÇÃO DOS ESTUDANTES

No Medonho, não há reclamação. O estudantes por falta de professores. O professor de Direito Civil, Sr. Jonathas Silva, Secretário de Assuntos Civicos do Barro Leveiro, com licença prêmio, e Vitmar Rocha, dependendo ainda por pós-PG, foram ao Reitor e ao Pró-Reitor Ibico Moreira, em busca de uma solução para o problema. Foram atendidos no curso. O dia 1º de 2º ano de Direito. Segundo Dayrell, "nos 1º ano foram observados nos dois primeiros meses". O professor Carlos Augusto Dayrell, da Faculdade de Direito, não chegou a ser substituído, e os alunos ficaram sem aula. Ele cita que não tinha

EX-OFÍCIO: FORMA DE BURLAR

A comissão da Congregação do curso de Medicina foi motivada pela reunião *Ex-Ofício* de dois professores de outras faculdades para a UFG. O *Ex-Ofício* é um dispositivo da Lei 5.540/68 de 1968, que permite a mudança colegiada, quando transferido de emprego para outra cidade, continuar seus estudos, na faculdade de escolaridade, independentemente de vagas.

Os professores da Medicina não concordam com esse dispositivo, porque ele não permite a seleção dos alunos, e muitos não estão ligados a uma questão prática: as condições de espaço e de laboratórios. "Não se pode exigir aprendizado de uma dezena de alunos e só pedaço de um laboratório", diz o professor Ibico.

Mas o que mais preocupa os professores é o fato de o *Ex-Ofício* ser usado de maneira diferente. O caso do estudante João Augusto Roxo Neto, por exemplo, que cursou Medicina em Vitória, Espírito Santo, e chegou em Vitória Rodrigues, transferiu-se para a UFG. Sua transferência foi demorada: ganhou a autorização do Juiz Federal, João Vieira Fagundes. O estudante alegou que tinha se transferido para Goiânia, onde seu pai trabalhava, na Superintendência da Prefeitura. "Isso é absurdo! Os legisladores pensam que somos idiotas", diz o estudante do colegiado, acrescentando que o contratado trabalho do pai do estudante que ele estudava na faculdade, ao que teve que trabalhar 10 horas diárias.

Aluno quer estudar: cadê o professor?

Ao "bom vindo" do ano letivo de 88, na UFG, não foram nada agradáveis. Um ano depois, o quadro não melhorou. Nos cursos de Comunicação Social, os alunos dessem um ano letivo de 88, ainda, já no início do mesmo ano para iniciar suas atividades acadêmicas. Chegaram a fazer manifestações e passeatas para que sejam implementadas. "Queremos graça, sim", reclama indignado um dos alunos do terceiro ano de Radialismo, diante do quadro desolador em que se encontram. Os alunos do terceiro ano, apesar uma teve professor.

"Será o efeito do decreto que o governo tem para com a educação", considera Ciro Nogueira, aluno do 3º ano de Letras. Sabem Carvalho Pereira, que considera o problema "preocupante". "Não tive problemas ainda até hoje. Sinto que a escola das aulas não tem nada a ver", diz ela.

Nos prédios das salas de aula, o grande movimento de alunos em horários que, infelizmente, acrescem estar em sala, comparava que os professores estão desapercebidos. Vivem buscando os quartos dos seus e, em duas delas, estava sem professor. Professor Flávio Borges, do curso de Agronomia.

"ASSIM NÃO DA PRA FICAR"

Ele reclama e mesmo assim, avalia Helga Jordão, aluna do terceiro ano de Comunicação. Na turma está sem professora para duas matérias. "Isso é muito ruim, porque são matérias importantes para o curso", relata, lembrando que os alunos dessa turma de um ano não para o Departamento resolver a situação.

"Está tudo perdido", diz Maria do Carmo Nogueira, aluna do terceiro ano de Letras. "Estou revoltada, e acho que precisamos fazer mudanças drásticas e profundas, porque assim não dá pra ficar". Além da falta de professores, Maria do Carmo fala de a falta de material de consumo básico. "Não tinha nada, e é impossível estudar sem as mínimas condições".

Direção e Produção de Arte:

inovar a linguagem teatral

Novo curso da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG propõe enriquecer as artes do espetáculo

Renato Joseph

A plateia aguarda ansiosamente o último sinal, o espetáculo está prestes a começar. Quando as cortinas do palco se abrem, um novo universo é revelado. Sons, luzes, figurinos, cenários, adereços, máscaras e maquiagem estão entre os elementos que compõem o universo do ator e auxiliam a construção de histórias, a reprodução de outras épocas, a definição da personalidade de personagens. O olhar atento do espectador concentra-se no desenrolar da ação no palco. A cada novo espetáculo o público é convidado a experimentar sensações diversas. Entretanto, por trás da cena estão os personagens que a plateia não enxerga: os protagonistas da criação. Embora anônimos, são essenciais para a idealização do sonho, a magia do teatro.

Muito comum no cinema, na TV e na publicidade, a profissão de produtor e diretor de arte vem conquistando espaço também no campo das artes cênicas. Heterogêneo, o teatro dialoga com várias vertentes artísticas e, por esse motivo, exige um profissional com conhecimento amplo e diferenciado. Eles estão nos bastidores, mas são parte do processo de construção cênica. Pensam a estética, observam o todo, trabalham em conjunto com os atores e diretores de elenco e elaboram maneiras de viabilizar a produção. Um profissional que reúna todas essas características é, cada vez mais, essencial no teatro. Com base nessa tendência contemporânea das artes do espetáculo, a Escola de Música e Artes Cênicas da UFG (Emac) criou o curso de Direção e Produção de Arte, que recebeu a primeira turma no segundo semestre deste ano.

Idealizado pelo curso de Artes Cênicas e viabilizado pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o novo bacharelado está voltado para a linguagem teatral e abrange o espetáculo do ponto de vista estético e visual. Segundo o coordenador, professor Newton Armani de Souza, o curso aborda profundamente os aspectos que permeiam a linguagem artística, mas é direcionado para o trabalho de bastidores. "O aluno terá contato com todos os recursos que dão suporte ao espetáculo: sonoplastia, iluminação, cenografia, maquiagem cênica e formas animadas", destacou o professor. Ele considera que o curso tem caráter transdisciplinar. "Além de conhecer os fundamentos teóricos das artes cênicas, os alunos passarão pelas linguagens da música e das artes visuais. Terão experiências conceituais ligadas à estética e vão entender políticas culturais", afirmou Newton Armani.

Ele explica que o profissional de direção e produção de arte cria condições para que o artista trabalhe sem abandonar sua preparação. "Cada vez mais o ator aperfeiçoa sua maneira de trabalhar e precisa preparar sua performance, ensaiar e se dedicar". O produtor e diretor de arte vai dominar as especificidades dos elementos cenográficos e trabalhar para que toda a estrutura cênica seja organizada. "O ator não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. É esse aspecto que torna o trabalho do produtor essencial, já que ele vai buscar maneiras de veicular a obra", afirmou o professor. Em concordância com o encenador, o diretor e produtor de arte trabalha aspectos que dão identidade ao espetáculo e consequentemente produz efeitos sobre o espectador.

O coordenador do curso de Artes Cênicas, professor Alexandre Silva Nunes, destacou que, nos últimos anos, a prática de produtor e diretor de arte, mais comum no cinema, na televisão e na publicidade, começou a integrar também a atividade teatral. "Passa-se a ter uma menor subdivisão das especialidades. Um único profissional pensa os elementos da cena de maneira integrada", destacou o professor. O aluno terá a oportunidade de trabalhar com elementos que fazem parte do teatro, mas que não recebe tratamento aprofundado no curso de Artes Cênicas. Segundo Alexandre Nunes, os estudantes de Direção e Produção de Arte terão como campo de experimentação e prática os espetáculos montados pelo curso de Artes Cênicas. Ele acredita que essa integração é um fator que acrescenta ao desenvolvimento dos dois cursos.

Alexandre Nunes explica que, embora seja voltado para a direção e produção de arte no contexto da espetacularidade, o aluno também pode relacionar o seu conhecimento com as outras áreas. "O curso discute os fundamentos da direção de arte, conceitos aplicados às artes do espetáculo que são facilmente transpostos para outras áreas. Mas essa ponte é o aluno que terá de fazer", ressaltou o professor. Fabricia Virolino, auxiliar de produção do curso de Direção e Produção de Arte, destacou que o objetivo do curso é formar um profissional com capacidade de gerenciar todas essas dimensões, tanto da produção, quanto da parte artística. Ela acrescentou que a grade curricular é bastante diversificada e foi adequadamente preparada para a formação de um profissional que irá suprir uma lacuna nas produções. Além das disciplinas Cenografia, Iluminação, Figurino, Fotografia, Sonoplastia, Maquiagem, Confecção de Máscaras e Bonecos, os alunos do novo curso também participarão de uma oficina de artes do corpo. O objetivo não é formar atores, mas levar o produtor de arte a compreender como se dá o desempenho do outro, a saber o que significa o instrumento de criação do ator e a não criar uma visão distanciada.

Lorrane Deus Filemon, aluna da primeira turma do curso de Direção e Produção de Arte, conheceu a proposta do curso na própria UFG. Ela destacou que, depois de ouvir a uma palestra do professor Newtom Armani, decidiu prestar o primeiro vestibular para o curso. "Sempre gostei das expressões artísticas. Durante a palestra, no último Espaço das Profissões, constatei que o curso reunia vários aspectos da arte que me interessavam", afirmou a estudante. Entusiasmada, ela acrescenta que esta é uma área que necessita de profissionais preparados e graduados e que o curso da UFG possibilitará essa formação.

Confira mais conteúdo em www.jornalufgonline.ufg.br

Educação e áreas estratégias para a pesquisa nacional são debatidas pela comunidade científica

Kharen Stecca e Michele Martins

Em 2010 novas diretrizes para a elaboração de políticas de pós-graduação e pesquisa em âmbito nacional serão formuladas. Debates sobre essas novas diretrizes foram pautados em diversos encontros, como na 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em reuniões do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-graduação (Forprop) ou pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que instituiu uma comissão nacional para a elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), relativo ao período 2011-2020. Levar essas discussões para além dos círculos fechados dos pesquisadores e do governo é imprescindível a fim de que a população compreenda como a formação de profissionais de nível superior e a produção científica e tecnológica deve contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Para discutir esses assuntos convidamos o presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), Leonardo Guerra de Rezende Guedes, a pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação da UFG, Divina das Dores de Paula Cardoso, e o professor do programa de pós-graduação em Ciência Animal, da Escola de Veterinária da UFG, Albenones José de Mesquita.

O Plano Nacional de Pós-Graduação é o documento que norteia as políticas públicas de qualificação de pessoal em nível superior no Brasil. Que avaliação podemos fazer sobre o plano de 2005 a 2010?

Divina Cardoso – Ainda não foi feita uma avaliação desse período. O plano tem o intuito de ser decenal, para ser uma política de Estado. Na verdade, várias das ações que foram programadas no Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) anterior, deverão entrar nesse novo PNPG. Por exemplo, as questões referentes à avaliação da pós-graduação e às assimetrias regionais, intrarregionais e entre áreas do conhecimento.

Leonardo Guedes – As assimetrias regionais e institucionais em uma mesma região são um ponto importante. Muitas instituições começam a ter em seu quadro pesquisadores recentes, mestres e doutores e precisam de estímulo para o fortalecimento de seus programas de pós-graduação ou até a criação de novos programas. Para isso, o Conselho Superior da Fapeg está atento e estudando programas para que essas instituições evitem a assimetria institucional em Goiás.

Albenones Mesquita – Há pouco conversávamos aqui sobre uma lei já em vigência, que determina em razão dessa assimetria, que 30% dos recursos de auxílios e bolsas sejam destinados para as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Para nós é importante, porque não teríamos condição de competir com as Regiões Sul e Sudeste do país, que em determinado momento estiveram em uma dianteira nítida e concreta. A tendência é que haja uma diminuição dessa fronteira.

Divina Cardoso – O Forprop está responsável por escrever, no PNPG, o capítulo das assimetrias. Para além da situação regional, tem-se a situação institucional. O fórum – do qual eu faço parte – está escrevendo um documento que ressalta que as dificuldades de cada instituição é que devem pesar na análise das assimetrias, indo além da situação regional. Instituições fortes do Norte, Nordeste e Centro-Oeste não necessariamente precisam entrar na cota de 30%, como comentado. Temos um prazo até outubro para mostrar à Capes o que o Forprop entende sobre assimetrias e o que deve ser feito.

Dados da pós-graduação brasileira indicam que houve crescimento em todas as áreas de pesquisa. Até que ponto o aumento do número de cursos e de egressos ainda é uma preocupação?

Divina Cardoso – Em âmbito nacional, a Capes, que regulamenta os programas de pós-graduação no país e dá suporte a eles, tem acusado, há cada ano um aumento de no mínimo 10% em solicitações para novos cursos. Na avaliação trienal, foram avaliados próximo de cinco mil cursos de pós-graduação, entre mestrados acadêmicos, profissionais e doutorados. A Capes vai iniciar agora a etapa de avaliação dos novos cursos. Se nós hoje tivemos quase 5 mil cursos avaliados, com o incremento de 10% a 12% por ano, o próximo será muito maior. O que se tem como norte na formulação de novas propostas? Estas devem ser delineadas em um contexto estratégico, de necessidade, para uma determinada região, para um estado ou para o país. Nesse sentido, a política nacional está de acordo com o Conselho da Fapeg. O que interessa não é a área do conhecimento em si, mas a necessidade de qualificação de indivíduos para determinado local. Porém existem áreas estratégicas e necessárias, porque, embora o país tenha crescido muito em termos de produção científica, o nosso desempenho do Brasil com relação à transferência e inovação tecnológica é muito tímido. Existem determinadas áreas do conhecimento que facilitam essa ação, necessária para o país, porque significa mais captação de divisas para o país e também a defesa nacional. Essas áreas – engenharias, nanotecnologias, nanobiotecnologias e biotecnologias – têm sido estimuladas pela Capes. São áreas que envolvem todas as outras e levam à inovação. A ideia é que haja mais egressos dessas áreas e, segundo os dados, há emprego garantido. Isso gera um outro lado que é a melhoria de vida da população. Com relação ao número de egressos, ele não foi ainda atingido, em especial nas engenharias. O número ainda é insuficiente.

Leonardo Guedes – A preocupação do Conselho Superior da Fapeg quanto à extensão das áreas do conhecimento, a abrangência e a quantidade de mestres e doutores não é prioritária neste momento porque seu foco são os resultados da pesquisa. O objetivo não é estimular que mais pessoas entrem na pós-graduação, mas que aquelas que estejam fazendo seu mestrado e doutorado pesquisem temas relevantes para o estado de Goiás. A Fapeg tem financiado bolsas com esse objetivo. É o posicionamento atual do conselho da fundação, mas não significa que ele não irá se alinhar a um pensamento mais genérico proposto pelo Plano Nacional. Essa é uma visão específica do conselho da Fapeg, que usa recursos do povo goiano para estimular a pesquisa em Goiás. O que é diferente de um plano nacional, com editais universais e com estímulo para o aumento do número de mestres e doutores, independente do seu objeto de pesquisa.

No plano vigente muito se falou sobre contemplar a educação básica na pós-graduação. Quais foram os avanços nessa área e o que é preciso melhorar nos próximos anos?

Divina Cardoso – Ainda há muito a melhorar. O Brasil passou por fases de atenção à educação. Nos últimos quatro anos, foram contemplados todos os níveis de ensino, desde o básico até o superior, mas a atenção foi mais forte na educação superior e nas universidades federais. Embora a educação básica tenha sido sempre objeto de preocupação, agora é que as primeiras ações têm sido realizadas. A Capes hoje é também responsável pela educação básica do Brasil, no que concerne ao fomento e à avaliação. Acho que só agora começa a ter impulso a qualificação da educação básica no Brasil.

E em Goiás, o que tem sido feito com relação à educação básica na pós-graduação?

Leonardo Guedes – As ações relativas à educação básica pela Fapeg e o estado de Goiás resume-se a ações de difusão do conhecimento e extensão do conhecimento, na forma de exposições, como a exposição de Darwin, trazida a Goiás dois anos atrás ou de eventos científicos, como as feiras de ciências, promovidas pela Secretaria Estadual de Educação. Existe uma parceria da Fapeg com o CNPq, em um programa ainda não implementado, chamado Bolsa Júnior, que deverá conceder bolsas de pesquisa para alunos do ensino médio e fundamental, com acompanhamento de pesquisadores inseridos nos programas de pós-graduação. Mas, em razão das prioridades orçamentárias da fundação, ele ainda não pôde ser implementado, devendo sê -lo no próximo ano.

Divina Cardoso – Devemos lembrar que uma das ações fundamentais foi das universidades federais tomarem para si a qualificação dos docentes do ensino fundamental e médio. A UFG tem um convênio com o estado de Goiás para qualificar com a graduação os docentes da rede estadual. Outro ponto interessante é a bolsa de iniciação científica do ensino médio, criada agora pelo CNPq. A UFG solicitou 100 bolsas desse programa, mas o resultado ainda não saiu. Incluímos o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação (Cepae), uma municipal e uma estadual. A proposta é que docentes da UFG atuem junto a esses estudantes de ensino médio, para interagir e propiciar a eles uma primeira visão real de ciência.

Fotos: Carlos Siqueira

Divina Cardoso

O egresso da pós-graduação brasileira está sendo preparado para atuar nos diferentes setores da carreira docente?

Albenones Mesquita – A concepção inicial dos programas de pós-graduação baseava-se na premissa de que os mestres militariam na docência e no doutorado seriam formados pesquisadores. Esse era o objetivo da pós-graduação em seu início. Mas isso vem mudando. Hoje é praticamente impossível o professor iniciar a carreira sem ter seu doutorado concluído. Então, na realidade, o que acontece é que, para nós, professores, é difícil fazer a dissociação do ensino e da pesquisa. É por isso que os programas de pós-graduação de hoje preparam em nível de doutorado as pessoas para entrar na carreira docente, que hoje não é muito fácil. No início, os professores precisavam publicar em grande quantidade; depois em pequeno número, mas com alta qualidade. Eu mesmo, hoje, não me preocupo mais com quantidade, mas com qualidade. Mas somos obrigados a cumprir metas. A Capes, por exemplo, exige que cada professor, na Escola de Veterinária, tenha pelo menos um orientando de mestrado e um de doutorado, respectivamente, apresentando sua dissertação ou defendendo sua tese. Isso faz com que tenhamos um número elevado de orientandos do programa. Esse talvez seja um dos motivos para que tenhamos uma grande formação de doutores no país. Hoje nós somos o oitavo país do mundo em número de publicações. Mas, se olharmos o número de patentes, o produto de nossa produção científica, estamos no 132º. Estamos entre os últimos países em termos de depósito de patentes. E essas patentes são geradas nas áreas tecnológicas, nas quais temos carência. O grande gargalo da pesquisa brasileira é transformar as nossas publicações em produtos e registrar essas patentes.

Leonardo Guedes – De fato as áreas tecnológicas têm esse problema mais latente. Isso é perceptível. Há uma transferência de conhecimento dessas áreas tecnológicas, mas não necessariamente na forma de patentes. Patentes são importantes indicadores. É um dado formal. Mas existe uma quantidade enorme de conhecimentos que vêm agregar melhorias em vários processos que geram competitividade. Eu atuo em mestrado e doutorado das áreas de engenharias. E eu percebo que vários projetos vêm sendo utilizados com mais frequência, mas não necessariamente geram patentes. Geram sim, contribuição nos processos produtivos, gerando competitividade. Mas a pergunta inicial era sobre o perfil do egresso e eu volto a diferenciar um pouco. Nas áreas tecnológicas o objetivo não é formar o docente e eu percebo que o perfil do egresso é um perfil aplicado, com boa parcela de contribuição e atuação no mercado. Percebo que as indústrias, no seu processo de inovação, têm percebido a vantagem de se ter um profissional titulado, pelo menos para consultoria de suas empresas. E é importante fazer referência à ação da Confederação Nacional das Indústrias, há alguns anos, com o programa de qualidade como fator de competitividade. A competição, por si só, não garantia a qualidade do produto. E há o movimento lançado ano passado para estimular as indústrias pela inovação tecnológica. Com isso, é muito debatida a formação de egressos de programas de pós-graduação nas áreas tecnológicas, com perfil de execução nas indústrias e empresas de suas pesquisas. Consigo diferenciar isso e ver com clareza que os cursos da área tecnológica têm buscado uma formação que agregue bons benefícios, não necessariamente em relação à área de patente.

Albenones Mesquita

Leonardo Guedes

Atualmente, os prazos estipulados para os cursos de mestrado e doutorado são, respectivamente, de dois e quatro anos. Geralmente esses prazos são questionados, como por exemplo, para a área de Ciências Humanas, que os consideram curtos. Já para as ciências exatas, não. O novo PNPG contempla, de alguma forma, essa discussão?

Divina Cardoso – Os prazos deverão ser mantidos. O que deverá ser contemplado são outras estratégias no sentido de facilitar a conclusão do curso. Um dos aspectos mais discutidos é a possibilidade de estudantes de graduação começarem a pós-graduação enquanto ainda estão na graduação. Não se postula aumento de tempo, pelo contrário. Em havendo competência, se postula o encurtamento dessa formação. Até porque o sistema brasileiro é um pouco diferenciado do sistema americano, em que o doutorado não se faz com menos de cinco anos. O Brasil tenta oferecer as condições necessárias para a formação nesse tempo hábil. O Brasil tem um processo em que o estudante precisa se formar e por isso tem de lidar com o fator tempo.

Albenones Mesquita – Coloco aqui minha experiência no Programa de Ciência Animal. Nós temos algumas nuances desses tempos. Se o aluno está matriculado no mestrado e consegue concluir o experimento e a redação de seu trabalho em um ano e meio ele pode entrar no fluxo contínuo e entrar no doutorado. O tempo é flexível. Fala-se de dois anos para o mestrado, mas há os prazos legais de prorrogação de seis meses no mestrado e um ano no doutorado. E há um outro aspecto: um aluno que foi Pibic, que publicou muito na graduação, pode ir direto para o doutorado, quando o programa é nível 5. O país não pode gastar tempo demais na formação. Temos a necessidade de ganhar tempo na formação das pessoas. Ela agora vai começar no ensino básico. O aluno que recebeu bolsa no ensino básico, participou da iniciação científica da graduação, tem publicação internacional, sabe o que é um trabalho científico, ele é diferenciado e pode ir direto para o doutorado.

No último dia 20 foi anunciada a chamada conjunta de agências de fomento para financiar capital, custeio e bolsas para redes de pesquisa em agrobiodiversidade e sustentabilidade da agropecuária. O valor anunciado foi de R$ 51,7 milhões. Como a Fapeg e os pesquisadores goianos devem proceder em face dessa notícia?

Albenones Mesquita – Eles têm de elaborar os seus projetos com qualidade e encaminhar o mais rapidamente possível. Se necessário, procurar apoio na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG). Ela tem dado apoio, não só nesse sentido. Hoje se alguém quiser publicar um trabalho internacional, tem de pagar a tradução para o inglês. Então, é um recado direto e temos de demandar e de forma qualificada. Se não demandarmos, não teremos êxito. Eu sou pesquisador 1 do CNPq, mas perco 90% das minhas demandas. Não ganho todas, mas eu ganho. Nós temos nichos, grupos em Goiás extremamente qualificados e em condição de concorrer com outros grupos das Regiões Sul e Sudeste do país.

Leonardo Guedes – Esse montante de recursos não vem todo do governo federal, vem também de parcerias das diversas fundações de amparo com recursos do tesouro estadual. Recentemente foi aprovado na Fapeg um aporte de meio milhão de reais para esse programa, além da contrapartida do governo federal.

Veja outros trechos do debate em www.jornalufgonline.ufg.br

Olimpíadas Científicas

aproximam UFG e escolas do estado

Angélica Queiroz

Os mais atentos já devem ter observado vários cartazes divulgando as Olimpíadas Científicas pelos corredores dos institutos da UFG. Eles não estão ali por acaso. As Olimpíadas Brasileiras de Matemática (OBM), de Física (OBF) e de Informática (OBI) têm suas coordenações regionais na UFG. A universidade também coordena, em âmbito regional, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e, recentemente, a Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP). Além disso, o Instituto de Matemática e Estatística (IME) da UFG realiza, anualmente, a Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás (OMEG).

Essas competições científicas são promovidas pela universidade e estão devidamente cadastradas na Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec) como projetos de extensão. Elas possuem objetivos em comum: divulgar e estimular o estudo de ciências, áreas carentes no Brasil, além de contribuir para a melhoria do ensino no país. As olimpíadas são divididas em etapas e funcionam, basicamente, da mesma forma: os professores cadastram as escolas e, posteriormente, os alunos para a competição. Os alunos classificados nas etapas regionais e nacionais estão aptos a serem selecionados para as olimpíadas internacionais.

Matemática – As Olimpíadas de Matemática foram criadas em 1894 na Hungria. No Brasil, a primeira olimpíada, organizada pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), só aconteceu em 1979. Atualmente a OBM é aberta a todos os estudantes do ensino fundamental (a partir do 6º ano), médio e superior das escolas públicas e privadas de todo o Brasil. Em Goiás, a coordenação da OBM é de responsabilidade do IME.

Ronaldo Alves Garcia, coordenador regional em Goiás, considera que o principal papel das olimpíadas é mostrar aos jovens que o estudo de ciências é importante. "Não pretendemos simplesmente atrair alunos para cursar Matemática. Pretendemos contribuir para a formação de pessoas qualificadas até para trabalhar em outras áreas do conhecimento", ressalta. São também objetivos das olimpíadas investir na capacitação de professores e descobrir jovens talentos. "Queremos motivar, principalmente as crianças, a sentirem prazer com o estudo da matemática", explica Ronaldo Garcia. Além disso, a OBM produz material de preparação para a competição, como a revista Eureka que publica informações e provas anteriores com soluções comentadas.

A OBM apoia a OMEG, realizada pelo IME desde 1992 também como projeto de extensão. Participam da OMEG estudantes a partir do 6º ano e apenas 10 alunos por escola podem se inscrever para cada um dos três níveis da competição. A OMEG também produz uma revista, editada pela UFG, que publica, além de notícias, provas com gabarito recomendadas como preparação e pretende estimular a resolução de problemas que exigem maior esforço de raciocínio. Além disso, a OMEG também busca ampliar o contato da universidade com as escolas de ensino fundamental e médio, por meio de seus professores, principalmente durante a preparação dos alunos. "Nosso maior saldo é que a sociedade vê que a ciência também é uma prática cultural, o que diminui um pouco o preconceito com relação às disciplinas da área", explicou Glaydston de Carvalho Brito, coordenador da OMEG.

Física – A OBF é organizada pela Sociedade Brasileira de Física (SBF) e se realiza em Goiás há 12 anos, com coordenação regional feita pelo Instituto de Física (IF). O coordenador da OBF na universidade, José Rildo Queiroz, deu destaque à carência de professores licenciados nessa área no país. Por isso, para ele, um dos papéis da OBF é incentivar o conhecimento dessa ciência e incentivar os estudantes a seguirem carreiras científico-tecnológicas. "Quanto mais pessoas conhecerem a disciplina, mais pessoas se interessarão em fazer o curso de Física, por exemplo". José Rildo esclareceu ainda que a carência de professores é um problema das ciências em geral e não só da Física.

Muitas escolas da rede privada, com o interesse de divulgar o desempenho de seus alunos que se destacam em olimpíadas têm investido em seu treinamento com aulas específicas e preparação de seus professores. A OBF disponibiliza em seu site provas anteriores que, segundo José Rildo, são um rico material tanto para os professores prepararem seus alunos como para quem pretende estudar sozinho. Além disso, o IF pretende oferecer, em 2011, um curso de formação continuada para os professores responsáveis pelas olimpíadas nas escolas.

Informática – A OBI é organizada pelo Instituto de Computação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com o apoio da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) e da Fundação Carlos Chagas. Este é o primeiro ano em que o estado de Goiás participa da competição, com coordenação regional do Instituto de Informática (INF). Os melhores da OBI ganham um curso de uma semana na Unicamp e os classificados vão para a Olimpíada Internacional.

O diferencial da OBI em relação às outras olimpíadas das quais a UFG participa é que nesta estão incluídas as provas de Lógica e Programação, matérias não oferecidas nas escolas de ensino fundamental e médio, enquanto nas demais as disciplinas exigidas, normalmente fazem parte do currículo obrigatório das escolas. Por esse motivo, mesmo antes de sua primeira participação na OBI, os alunos inscritos na competição foram selecionados para um treinamento de três meses realizado no INF, no qual foram formadas duas turmas, uma para o nível fundamental e outra para o nível médio, que preparou os alunos para as olimpíadas deste ano. Com essa experiência, o INF produziu um material disponível para os professores que desejarem utilizá-lo para treinar seus alunos.

Com vistas nas olimpíadas do próximo ano, o INF pretende continuar com o treinamento, que deverá começar já em outubro deste ano. "Acreditamos que a experiência do treinamento foi bastante válida. O aluno tem a oportunidade de vivenciar o ambiente acadêmico e passa a acreditar que é possível para eles chegar aqui", destacou o coordenador da OBI na UFG, Iwens Gervasio Sene Junior. Além disso, o coordenador acredita que o treinamento incentiva os alunos a estudarem matérias que geralmente não são conhecidas nas escolas, o que pode levá-los a se interessar por essa área e, em alguns casos, vir a cursar Informática, futuramente, por exemplo.

OBMEP e OBFEP

A OBMEP é a maior Olimpíada de Matemática do mundo em número de participantes. Trata-se de um projeto apoiado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e voltado apenas para alunos de escolas públicas. Espelhada na OBMEP foi criada, este ano, a OBFEP, ainda em fase experimental. Por enquanto só quatro estados, entre eles Goiás, participam da olimpíada, mas pretende expandir-se para todo o Brasil.

Acadêmicos a serviço da comunidade

Estudantes da área de saúde promovem evento que integra universidade e comunidade, levando informações e orientações sobre o cuidado com a saúde

Gilmara Roberto

No terceiro domingo de agosto (22), estudantes de áreas da saúde promoveram o IX Encontro das Ligas Acadêmicas de Medicina (ELA) e a VIII Ação Integradora dos Acadêmicos da Área da Saúde. O evento, intitulado "Ação pela saúde: promoção e prevenção", levou uma série de serviços à comunidade, com o intuito de orientar a população sobre cuidados com o corpo, a mente e a saúde. O evento foi realizado na unidade do Serviço Social do Comércio (Sesc), do Setor Faiçalville, e contou com a participação de 800 estudantes voluntários, que se revesaram no atendimento à comunidade, das 9h às 18h.

As ligas acadêmicas reúnem estudantes da área de saúde e são dedicadas cada uma a uma especialidade médica. Durante o ELA, as ligas montaram seus estandes e ofereceram à comunidade serviços diversos, como triagem sanguínea e meditação.

Entre os estandes mais procurados, esteve o da Liga Acadêmica de Diabetes. Os estudantes ofereceram exame de triagem de diabetes e tireoideopatias com resultado instantâneo. Elza Deodato da Silva Santana aferiu pressão, passou pela triagem de diabetes e considerou positivo o evento: "é uma maneira de nós estarmos por dentro das orientações sobre essas doenças".

Buscando levar esclarecimentos e orientação sobre a doação de órgãos, a Liga de Transplantes tratou principalmente do problema da morte encefálica. Ricardo Araújo Meira Almeida é estudante do terceiro ano de Medicina e explicou que a intenção "é desvendar mitos, principalmente diferenciando o estado de coma da morte encefálica". Ricardo Almeida esclareceu que, com a morte encefálica, o corpo só sobrevive por meio dos aparelhos que mantêm os órgãos vitais em funcionamento, diferentemente do que acontece no estado de coma, quando o cérebro ainda desempenha atividades. Segundo o estudante, esse tipo de esclarecimento é importante para quebrar barreiras e promover a doação de órgãos. Gleison José de Medeiros visitou o estande da Liga de Transplantes e considera que a doação de órgãos poderia se popularizar se os profissionais de saúde se empenhassem em instruir as famílias e em se formar mais adequadamente para trabalhar com a captação de órgãos.

O evento contou com a participação da Associação dos Portadores de Câncer de Mama (Apcam). A entidade, com sede no Hospital das Clínicas (HC), oferece apoio às portadoras de câncer de mama em tratamento. "Nós levamos apoio psicológico e conseguimos também doações de medicamentos e alimentos para pessoas mais carentes", explicou Maria Aparecida Pinto de Lima, presidente da associação e ex-portadora de câncer de mama. Além do suporte psicológico dado por meio de atendimento clínico, a Apcam auxilia as mulheres em tratamento por meio do ensino de artesanato, que funciona como terapia.

A integração – Flávia Vidal Cabero é estudante do terceiro ano de Medicina e participou da organização do evento. Ela explicou que, para a escolha das ligas participantes, os estudantes tiveram de cadastrar seus projetos, ressaltando o tipo de trabalho que iriam desenvolver para a comunidade. Flávia Cabero destacou a relevância desse tipo de evento para a formação do estudante e para sua integração com a comunidade.

Ricardo Almeida, da Liga de Transplantes, enfatizou o quanto o evento também é importante para a formação do acadêmico de Medicina, que é levado a estudar conteúdos que, necessariamente, não vê em sua graduação. Além disso, o estudante ressaltou que "esse é o momento de compartilhamos o conhecimento com a população. É uma forma de darmos o retorno por estudarmos numa universidade pública".

A realização – O professor da Faculdade de Medicina, Sandro Rodrigues Batista, destacou o trabalho dos estudantes responsáveis pela organização do evento. O professor explicou que a realização do ELA é de inteira responsabilidade dos acadêmicos, cabendo aos professores apenas a orientação docente.

Normalmente, o encontro das ligas é realizado por graduandos do terceiro ano de Medicina. Essa nona edição do encontro, organizada pelos estudantes da turma 56, teve a participação de 32 ligas. Além de estudantes de Medicina, as ligas são compostas por estudantes de outras áreas da saúde, como Fisioterapia e Enfermagem. O evento integrou ainda estudantes da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Fotos: Carlos Siqueira

Crianças e adultos receberam orientações sobre alimentação, problemas posturais, gestação, tabagismo, dentre outros

VIII Ação Integradora registrou cerca de 4.000 atendimentos, nos 32 estandes montados no Sesc do Setor Faiçalville em Goiânia

Pronto Sorriso: a vida sob outro olhar

Projeto de extensão coordenado pela Faculdade de Medicina estimula o autoconhecimento e desenvolve o espírito de solidariedade entre alunos e pacientes do HC

Flávia Gomes

Por detrás das fantasias de palhaço lá estão eles. Estudantes dos mais diversos cursos de graduação da UFG participam ativamente do projeto de extensão Pronto Sorriso, dispostos a fazer sorrir quem não tem tantos motivos para estar contente. Uma palavra, um olhar ou simplesmente uma conversa passa a ter significado especial para aqueles que não têm ninguém com quem compartilhar a dor. Criado há mais de dez anos e sob a coordenação da professora da Faculdade de Medicina da UFG, Fátima Maria Lindoso da Silva Lima, o projeto tem construído uma relação de solidariedade, respeito, amizade e ética entre acadêmicos e pacientes do Hospital das Clínicas (HC) da UFG.

Inspirados no trabalho dos Doutores da Alegria, de São Paulo, e nas ideias do médico norte-americano Pacth Adams, o Pronto Sorriso da UFG estendeu-se e tornou-se uma disciplina de Núcleo Livre, abrindo, assim, oportunidade para quem não é estudante de medicina, já que no início a proposta era desenvolvida apenas pelos futuros médicos que se divertiam com pacientes e acompanhantes no setor de pediatria do HC. Além disso, é objeto de estudo de diversas pesquisas de acadêmicos que querem compreender os efeitos dessa forma de interação no tratamento médico.

A proposta – Hoje, o projeto está caracterizado como multidisciplinar pela atuação de estudantes e profissionais que dedicam parte de seu tempo às atividades que são desenvolvidas pelo Pronto Sorriso. Com aulas dinâmicas, os alunos aprendem a se expressar melhor e a lidar com o clima hospitalar. Dessa forma, passam por exercícios que estimulam o autoconhecimento. Para a professora Fátima Maria Lindoso, a intenção é que o aluno descubra primeiramente quem ele é, para depois desenvolver o palhaço que tem dentro de si. "É nesse momento lúdico que as situações vão sendo criadas. Cada ação é diferente e o estudante aprende a buscar o que há de melhor nele para oferecer ao outro", relata Fátima.

Valendo-se de técnicas de artes cênicas, oficinas de malabarismo, confecção de máscaras, de balões, contação de histórias etc, os estudantes vão acrescentando surpresas e novidades à sua atuação durante as visitas. As aulas são dividas em dois módulos: no primeiro, as atividades são direcionadas para a construção do personagem (o doutor palhaço) e, no segundo, as instruções são voltadas para o aprimoramento das visitas.

A fim de estarem preparados para entrar no hospital, como representantes do Pronto Sorriso, os estudantes recebem aulas que os estimulam a serem mais expansivos e verdadeiros a cada atitude. Um simples olhar, muitas vezes negligenciado, passa a ser trabalhado de forma que tenha valor especial para o paciente. O objetivo do projeto não é criar palhaços engraçados e, sim, profissionais mais humanizados, capazes de fazer diferença na vida de quem enfrenta a dura rotina do hospital.

A transformação – A capacidade de presenciar a transformação de um paciente, por minutos que seja, deixando a tristeza de lado e participando da brincadeira, é o que motiva alunos que lidam com as surpresas e, a cada visita hospitalar, são tomados pelo encantamento que está atrás de brincadeiras e sorrisos. Mas é preciso, antes de tudo, que sejam sinceros e espontâneos. De acordo com um dos professores do projeto, ator por formação e palhaço por vocação e escolha, Marcelo Marques, os alunos devem, antes de qualquer técnica, ser verdadeiros e se entregar a cada visita. "Se vocês forem verdadeiros, todos vão se divertir também. O grande barato é o inusitado e, para o palhaço, isso é um presente", afirmou Marcelo a seus alunos.

Isso se confirma com a entrega dos alunos participantes. Para o estudante do terceiro ano de Medicina e um dos monitores do Pronto Sorriso, Alberto Santiago Marques, as experiências são muitas vezes inexplicáveis. "É impressionante como muitos pacientes parecem mais vivos ao final de uma conversa. O momento de visita é quando eu esqueço dos meus problemas e só sou o palhaço", confessa Alberto.

O Pronto Sorriso ultrapassa as fronteiras das alas hospitalares e o cotidiano de quem participa do projeto. Para a estudante do quarto ano de Medicina, Andréia Saraiva Borges, participar desse projeto mudou sua conduta e só veio a acrescentar em sua formação humana. "As vezes, atitudes simples do dia-a-dia passam a ser vistas de forma diferente. O paciente precisa de atenção, e um abraço passa a ter muito valor, quando dado de forma sincera", afirma Andréia. E não só os pacientes ganham a cada visita. Segundo a acadêmica, o aprendizado e a força que eles passam tem muito a ensinar. Dessa forma, a cada visita, uma experiência diferente é levada para casa. "Só quem passa pelo projeto compreende o que é e o quanto ele é especial", afirmou a estudante.

Mas não só de sorrisos vive o projeto. Os alunos aprendem também a lidar com as adversidades e a reação de pouca receptividade dos pacientes. Muitos, inicialmente, não aceitam as brincadeiras e logo tiram de cena a atuação dos palhaços. A estudante de Biomedicina, Roberta Rassan, passou por essa experiencia. Na sua primeira entrada no hospital, uma paciente não aceitou a brincadeira e pediu que ela e suas amigas se retirassem. Mas isso não a abateu. "É completamente aceitável, mesmo porque sabemos que é um momento difícil", afirmou Roberta. Entretanto, outros se entregam, mesmo que receosos, e entram na brincadeira. Ela acrescenta que a sensação de que o trabalho faz a diferença e supera as rejeições. "É muito gratificante quando vemos que o paciente dá sinais de melhora enquanto estamos na visita", diz Roberta.

Seja com ou sem humor, dentro do Pronto Sorriso, os alunos tem a missão de se tornarem profissionais mais humanizados e espontâneos.

Divulgação

Nayara Nery

Em cena: novas formas de representação teatral

Núcleo de pesquisa teatral repensa a produção artística e produz espetáculos há oito anos

Marcela Guimarães

Luzes apagadas, silêncio na plateia, um espetáculo de teatro vai começar. Mas, diferentemente das peças tradicionais, nenhum refletor se acende no palco. Ouve-se uma frase: "Uma voz aparece a alguém no escuro. Imagina." O texto é conhecido. Trata-se da peça Companhia Drama Poema, de Samuel Beckett, dramaturgo irlandês, encenada pelo Máskara - Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas em Teatro, Dança e Performance, ligado à Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC/UFG). Em meio à escuridão e aos contrastes produzidos pelas sombras, atores e plateia se misturam na construção da peça. "O principal é sairmos daquilo a que estamos acostumados, que é o teatro visual. Saímos disso e vamos para o nível das sensações", comentou o ator e estudante de Artes Cênicas, Ronei Vieira.

O espetáculo explora outros sentidos das pessoas na plateia, como o tato e a audição, para representar a sensação do personagem ao deitar-se no escuro para refletir sobre sua vida. Companhia foi escrita em 1977 e tem 59 parágrafos que representam as marcas do tempo no círculo do relógio. Destes, 15 referem-se ao passado com a inserção de lembranças e o direito à mistura de personagens. A fim de levar avante tal proposta, os ensaios foram iniciados com o objetivo de trabalhar as variações vocais para encarnar os diferentes personagens e levar o público a um mergulho no imaginário. Coordenador do Máskara, o professor da EMAC Robson Corrêa de Camargo informou que a peça estreou em novembro de 2009 em grande estilo: no IV Festival Beckett de Buenos Aires. Depois disso, ela ficou em cartaz no primeiro semestre deste ano na sala de apresentação da EMAC, localizada no Câmpus Colemar Natal e Silva da UFG.

De acordo com Ronei Vieira, esse espaço é ímpar, pois é um dos poucos em Goiânia que permite às companhias de teatro fugir das concepções tradicionais das peças encenadas em palco italiano, aquele em que os espectadores ficam de frente para o espetáculo. Para ele, apesar de tradicional, esse palco não permite grandes aproximações entre público e ator. "Esse é um espetáculo circular e que não tem imagem. Os atores a constroem e o público cria a imagem do espetáculo de alguma forma. Em palco italiano esse formato da peça Companhia seria inviabilizado", argumentou. A atriz Valéria Livera avalia que a cidade carece de mais locais que possibilitem outras formas de apresentações teatrais.

Atuando desde 2002, o Máskara procura trabalhar com textos estabelecidos e dedicar-se à discussão do espetáculo e das técnicas de representação e à criação de peças que fujam do tradicionalismo teatral. Com essa proposta, além de produzir espetáculos, os membros do núcleo, após cada campanha, discutem por meio de textos e relatórios produzidos as formas de representação utilizadas. A participação é aberta a atores e profissionais envolvidos com produção artística na cidade. Mais recentemente, o núcleo expandiu sua área de atuação e ingressou na Rede Goiana de Pesquisa de Performances Culturais, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg). A partir de então, o núcleo aprimorou suas atividades no âmbito acadêmico, com a produção de artigos e a participação em eventos como o Encontro Nacional de Antropologia e Performance, realizado este ano em São Paulo. Além disso, os integrantes do núcleo ministraram oficinas na Universidade de Gdansk, na Polônia, e organizaram, em 2006 e 2007, o seminário 50 Anos de Beckett no Brasil.

Esse dramaturgo tem contribuído, desde o início, com as atividades do Máskara. Sua obra mais conhecida, Esperando Godot, foi a primeira montagem do grupo. Segundo o professor Robson Camargo, essa escolha deve-se à importância da obra de Samuel Beckett, prêmio Nobel de Literatura em 1969, pela profundidade dos seus textos e personagens.

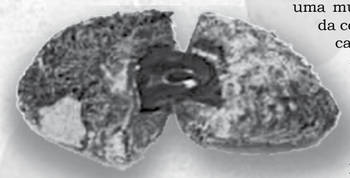
Amêndoa nativa do Cerrado

é rica em compostos benéficos para a saúde

Pesquisas realizadas no Laboratório de Nutrição Experimental evidenciaram o potencial nutricional da amêndoa do baru. Artigo sobre o tema foi publicado em revista internacional

Angélica Queiroz

O baru (*Dipteryx alata Vog.*) é um fruto típico do cerrado e, desde 2006, é tema de pesquisas da Faculdade de Nutrição (Fanut) da UFG. Este ano, Laboratório de Nutrição Experimental (Lanute) publicou os dados inéditos do primeiro trabalho com a amêndoa de baru no *Journal of the Science of Food and Agriculture,* periódico internacional de ampla divulgação para a comunidade científica. Esta é a primeira vez que dados da amêndoa de baru são publicados internacionalmente. Para a professora da Fanut e coordenadora da pesquisa Maria Margareth Veloso Naves, houve uma mudança de postura da comunidade científica. "Eles passaram a se interessar também por questões antes consideradas apenas regionais", explica.



Histórico da Pesquisa – O interesse em estudar o baru surgiu durante uma conversa entre professora Maria Margareth e os professores da Escola de Agronomia, Lázaro José Chaves e Ronaldo Veloso Naves, que desenvolviam pesquisas sobre a variabilidade genética do fruto. Como até então, a amêndoa do baru era considerada um alimento com baixa qualidade protéica, a professora interessou-se em pesquisar se a variação genética não poderia também corresponder a uma alteração no perfil de aminoácidos e, por sua vez, na qualidade das proteínas na amêndoa desse fruto. Tal indagação deu início ao primeiro estudo desenvolvido no estado de Goiás, em 2006, com o trabalho de iniciação científica da aluna Daniela Canuto Fernandes, orientada de Maria Margareth Veloso Naves.

Durante a pesquisa foram estudados frutos de baru provenientes de seis diferentes árvores, avaliando o perfil nutricional das amêndoas. Em 2007, este trabalho sobre a amêndoa de baru concorreu com trabalhos de todo o país ao prêmio Henri Nestlé, recebendo o 3º lugar na categoria Bioquímica e Tecnologia de Alimentos.

Foi também constatado que a qualidade nutricional da amêndoa de baru variava dentro de uma mesma região e, por isso, iniciou-se uma nova pesquisa com frutos provenientes de outra região do estado de Goiás, comparando a amêndoa de baru com castanhas de consumo tradicional como a castanha de caju, castanha do Pará e o amendoim. O trabalho foi realizado pela nutricionista Jullyana Borges de Freitas, aluna do programa de pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentose resultou na publicação de um artigo sobre a composição quimica de nozes e sementes comestíveis e sua relação com a nutrição e saúde na Revista de Nutrição. Além disso, este trabalho foi escolhido pela biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO) para divulgação nacional e internacional, pela importância que representa nessa área.

Ludmila de Paula Czeder, também aluna do programa de pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos, confirmou a variabilidade existente na qualidade nutricional da amêndoa de baru entre diferentes regiões goianas. A mestranda estudou plantas de três regiões do cerrado e ampliou a pesquisa sobre a amêndoa de baru. A primeira etapa dos estudos sobre a qualidade protéica do baru já foi finalizada mas o grupo de pesquisadoras já começou uma segunda etapa na qual estão estudando o efeito da ingestão da amêndoa do baru, castanha e amendoim no perfil lipídico, por meio de ensaio biológico com animais.

Conclusões e desenvolvimento de produtos – A amêndoa do baru destaca-se das demais por apresentar alta densidade de nutrientes e de outros compostos bioativos. Além disso a amêndoa de baru apresenta boa qualidade protéica e contém elevado conteúdo mineral e perfil de ácidos graxos favorável à saúde, além de serem boas fontes fibras, minerais, lipídios, proteínas e apresentarem características que fazem com que seu consumo reduza o risco de doenças cardiovasculares.

As pesquisadoras explicaram que a castanha deve ser consumida sempre torrada porque o processo de torrefação inativa alguns fatores antinutricionais que podem reduzir a biodisponibilidade de alguns dos minerais presentes. Em geral, a amêndoa possui proteína de boa qualidade, podendo ser utilizada como fonte complementar de proteína, como excelente opção para dietas saudáveis, e como ingrediente de produtos com alegação de saúde. Baseado nesses dados, o Lanute desenvolveu barras de cereal e cookies utilizando a amêndoa como matéria-prima. Já foi feita a avaliação sensorial dos produtos e ele foi aprovado. "A barra de cereais ficou uma delícia", comenta Daniela Canuto.

O Lanute pretende pedir patente sobre esses alimentos já desenvolvidos para que, em breve, sejam comercializados. O desenvolvimento desses produtos dá mais destaque a amêndoa do baru por provar que ele apresenta grande potencial culinário. Além disso, comprovou-se que frutos nativos do Cerrado têm elevado valor nutritivo e podem garantir a segurança alimentar e nutricional de suas populações, por meio da promoção do consumo de alimentos regionais.

Fotos: Divulgação

Em Catalão, vestibulandos visitam Feira de Profissões

Terceira edição do evento atraiu milhares de alunos do Ensino Médio de escolas públicas e particulares do Sudeste goiano

Adiana Rodrigues

Stephane Lucena, 16 anos, aluna do 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Catalão pretende se tornar uma engenheira civil. Flávia Campos, 17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio de uma escola particular de Caldas Novas, sonha cursar Direito, mas tem como segunda opção Administração. Já Lucas Lopes, 17 anos, colega de Flávia, ainda não se decidiu sobre a futura profissão, mas se identifica com a área de Humanas. O que esses três jovens têm em comum é a tão temida fase dos estudantes que estão prestes a concluir o ensino médio e prestar o vestibular, cercada por dúvidas, incertezas e insegurança quanto ao futuro profissional.

Se a escolha da profissão é uma momento crítico na vida de muitos jovens, por que não abrir um espaço para se conhercer mais sobre as profissões, o mercado de trabalho epara divulgar os cursos oferecidos pela universidade? Pensando nisso, a Comissão do Vestibular do Câmpus Catalão (CAC) preparou um dia inteiro de atividades durante a terceira edição da Feira de Profissões, realizada no dia 25 de agosto.

Stephane, Flávia e Lucas visitaram a Feira pela primeira vez e acharam interessante a proposta do câmpus de apresentar os cursos para os vestibulandos. Para eles foi uma oportunidade de escolher melhor os cursos oferecidos auxiliando-os na hora de se inscreverem para o vestibular. Os três jovens e mais de 2.500 estudantes do ensino médio e vestibulandos de escolas públicas e particulares de Catalão e cidades da região visitaram as salas interativas montadas nos blocos didáticos do Câmpus, além de outros espaços, como o miniauditório e a biblioteca. Este ano o evento aconteceu somente em um dia, pela manhã, à tarde e à noite.

Fotos: Adriana Rodrigues

Participação dos estudantes superou a expectativa da organização do evento

Nas salas montadas para cada curso, os visitantes puderam conversar e tirar dúvidas com os universitários e servidores do câmpus, observar alguns experimentos e objetos de estudo e conhecer os projetos de pesquisa e extensão oferecidos pela unidade. Alguns cursos realizaram gincanas, aulas de ginástica, encenações teatrais e simulações. Quem ainda estava indeciso na escolha da profissão teve a oportunidade de assistir a minipalestras sobre os cursos, atuação profissional e mercado de trabalho, ministradas por professores da área.

Os visitantes conheceram também o menor livro do mundo, exposto no *hall* da biblioteca. O livro, em formato minúsculo, de 3,5 x 3,5 milímetros, foi trazido do Museu Gutenberg, na Alemanha. Além desse objeto que despertou muita curiosidade, os estudantes conheceram os serviços oferecidos pelo Sistema de Bibliotecas da UFG (Sibi) e o funcionamento do Biblioteca Setoria do Câmpus Catalão.

Para a vice-diretora do Câmpus Catalão e presidente da Comissão do Vestibular do CAC, Maria Natividade Rosa Barbosa, este ano a feira superou todas as expectativas de público e de organização. A professora credita o sucesso do evento à divulgação feita com bastante antecedência nas escolas e ao envolvimento de todos os servidores docentes e técnico-administrativos, coordenadores de cursos e, principalmente, dos alunos de graduação da unidade. "Foi um momento de maior aproximação e interação do Câmpus com a comunidade", destaca Maria Natividade.

JATAÍ

Estudos sobre espécie de fungos pode trazer benefícios para a agricultura

Kharen Stecca

Uma das maneiras de pensar soluções para os problemas ambientais é estudar a otimização do uso de fertilizantes químicos no desenvolvimento das plantas. Percebendo lacunas nesse campo, a comunidade científica tem realizado estudos sobre a qualidade do solo, o desenvolvimento vegetal e o uso de associações benéficas entre as raízes e certos fungos de solo. Para suprir a necessidade de conhecimento em relação a esses microrganismos, um grupo de jovens pesquisadores do Centro-Oeste vem se dedicando a estudá-los e a definir sua importância na manutenção do desenvolvimento vegetal e principalmente na economia e uso eficiente dos fertilizantes químicos, em especial o fósforo.

O professor Marco Aurélio Carbone Carneiro, do curso de Agronomia do Câmpus Jataí da UFG, iniciou um projeto de integração com pesquisadores de diferentes instituições que estão desenvolvendo estudos com fungos micorrízicos arbusculares – microrganismos que se associam as raízes de plantas. O objetivo do grupo é estimular a troca de informações entre os pesquisadores, o que culminou, em 2010, na formação de uma rede de pesquisa com o tema central "Fungos micorrízicos arbusculares em sistemas de manejo e uso de solo no bioma Cerrado".

Divulgação

Percebe-se que com a ação dos fungos as plantas (esquerda) apresentam melhor desenvolvimento

A rede já obteve do CNPq a aprovação de nove bolsas de iniciação científica e duas de mestrado, além de recursos de R$ 150 mil. Integram a rede os Estados de Goiás (Universidade Federal de Goiás e Instituto Federal Goiano – Câmpus de Rio Verde), Tocantins (Universidade Federal do Tocantins), Rondônia (Universidade Federal de Rondônia), Mato Grosso (Universidade Federal de Mato Grosso) e Mato Grosso do Sul (Estação Experimental da Unesp instalada em Selvíria - MS), além do Distrito Federal (Universidade de Brasília).

A primeira reunião da rede foi realizada no dia sete de julho no município de Rio Verde (GO). Foram discutidos os experimentos e principalmente as ações a serem implementadas para o fortalecimento da rede e a preparação para os novos editais do CNPq e de outros órgãos de pesquisa. No dia oito de julho o grupo reuniu-se no Câmpus Jataí/UFG, sendo recepcionado pelo diretor em exercício, professor João Batista Pereira Cabral. No evento, estudantes da graduação e da pós-graduação apresentaram os principais estudos em andamento no Câmpus Jataí.

Segundo o professor Marco Aurélio Carneiro, os dois dias de reunião mostraram que há sinergismo entre os participantes da rede. Foram tratados assuntos técnicos, sendo o foco principal das discussões a contribuição para o desenvolvimento da pesquisa de cada parceiro. A rede já possui um site com informações sobre o grupo e as pesquisas (http://redefmascerrado.webnode.com/).

Fungos micorrízicos e meio ambiente – Os fungos micorrízicos arbusculares (FMAs) são microrganismos que, em associação com as raízes da maioria das plantas, promovem benefícios, como maior adaptação a estresses bióticos (maior tolerância a pragas) e abióticos (maior resistência a estresse hídrico), principalmente em áreas pobres e degradadas. A importância biotecnológica desse organismo está em seu uso como biofertilizador, para obter aumento de produtividade em condições de menor dependência de agroquímicos, principalmente os fertilizantes fosfatados, de maior custo para o agricultor. Esse é o foco da Rede de Pesquisa coordenada pelo professor Marco Aurélio Carbone Carneiro.

A origem dos FMAs remonta a 460 milhões de anos. Esses microrganismos evoluíram juntamente com as plantas e os diferentes ambientes formados no planeta. Por isso eles são encontrados desde regiões inóspitas, como os polos ou desertos, até regiões equatoriais. Apesar dessa grande variação de ambientes, bem como da sua co-evolução com esses ambientes, o manejo recente dos solos pode alterar a densidade e a diversidade dos FMAs.

Esse fato adquire importância especial quando se trata do bioma Cerrado. A fragilidade desse bioma e sua variação climática, em associação com o acelerado avanço da agropecuária, que vem incorporando cada vez mais áreas de vegetação nativa ao processo produtivo, têm ocasionado a degradação de extensas áreas. Portanto, o estudo dos FMAs pode contribuir para uma agricultura sustentável e menos agressiva ao meio ambiente.

Apesar da relevância desse conhecimento para o avanço da biotecnologia na região e embora haja vários levantamentos de FMAs em biomas brasileiros avaliando a sua diversidade, até o momento poucos estudos foram realizados no bioma Cerrado. Isso dá uma medida da importância desta rede.

Veja mais conteúdo em www.jornalufgonline.ufg.br

ARTIGO

O ano Internacional da Biodiversidade

A notícia de que o último exemplar selvagem de ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii)* pode estar morto foi divulgada em 28 de novembro de 2000 pelo jornal Folha de São Paulo. Este é apenas um dos inúmeros casos de espécies que estão ameaçadas de extinção no Brasil e no mundo.

A biodiversidade está em declínio acentuado e, entre os propulsores dessa crise, estão a destruição de hábitats, a introdução de espécies exóticas, a sobre-exploração de espécies e recursos naturais e as mudanças climáticas globais. Estas são as consequências do crescimento insustentável da população humana mundial associada aos meios de produção e consumo necessários à manutenção de nosso estilo de vida atual. Como resultado, cerca de 12% das aves, 23% dos mamíferos e 32% dos anfíbios conhecidos em todo o mundo estão atualmente ameaçados de desaparecer para sempre. Os efeitos esperados das mudanças climáticas devem levar de 15% a 37% das espécies restantes à extinção nos próximos 50 anos.

De acordo com dados da Convenção sobre Diversidade Biológica (CBD), órgão da ONU que trata do problema, a taxa de perda de espécies atual é cerca de cem vezes maior que a natural. E, infelizmente, essa taxa vem crescendo. Com vistas a desacelerar essa tendência, em 2002 a Conferência das Partes (COP) da CBD propôs uma série de metas a serem alcançadas até 2010, com o comprometimento de vários países. A COP se reunirá em outubro, na cidade japonesa de Nagoya para fazer um balanço do cumprimento das ações assumidas em 2002 – embora se saiba que a maioria das metas propostas não foi alcançada. A ONU deixa claro, portanto, que a perda de biodiversidade é um fenômeno global que demanda ações de conservação de alcance internacional.

Por isso, a Assembléia Geral das Nações Unidas declarou 2010 o Ano Internacional da Biodiversidade. O objetivo principal da ONU é aumentar a consciência sobre a importância da preservação da biodiversidade em todo o mundo. Trata-se de numa campanha global que fomentará medidas de proteção à biodiversidade. É um marco significativo, cujo êxito depende de medidas de alcance mundial em todos os setores. Portanto, é necessário trabalharmos juntos, difundindo mensagens coerentes e convincentes para toda a população em geral. Parte desse esforço é integrado ao logotipo da campanha, que reflete três componentes fundamentais: o ano "2010" e os elementos iconográficos que simbolizam a biodiversidade (entre eles peixes, ondas, um flamingo, um adulto, uma criança e uma árvore).

A iniciativa é altamente relevante e nos fará refletir sobre os esforços empreendidos, celebrar os êxitos alcançados e apoiar medidas a serem tomadas. Pretende-se criar uma rede de conhecimentos, cujo tema central é a real amplitude do significado da biodiversidade e o porquê da necessidade de sua proteção. Conhecer e preservar a biodiversidade do planeta não é apenas uma questão ética é a condição para garantir nossa própria sobrevivência. Em ano de eleições, essa talvez seja a melhor campanha da qual você pode fazer parte!

Prof. Dr. Rafael D. Loyola
Prof. Dr. Marcus Cianciaruso
Prof. Dr. Daniel Brito
Prof. Dr. José Alexandre F. Diniz-Filho

Docentes/pesquisadores do Departamento de Ecologia, Instituto de Ciências Biológicas, UFG

CAI
Coordenadoria de Assuntos Internacionais

Professores estadunidenses conhecem ensino e produção industrial do estado

O professor Juarez Patrício de Oliveira Júnior (esquerda), da Escola de Agronomia, recebeu em agosto o professor Richard Leslie Crow, da *Kirkwood Community College*, do estado de Iowa, nos Estados Unidos. Além de conhecer o cultivo de soja e a produção de etanol, Richard Crow informou que a visita serviu para elaborar um roteiro de visitação e estudos destinado a um grupo de 20 estudantes de Kirkwood que ele trará a Goiás em março de 2011.

Fotos: Carlos Siqueira

Também dos Estados Unidos, Rosa Maria Stoops, da Universidade de Montevallo, do estado do Alabama, veio à UFG ministrar, em espanhol, um curso sobre Miguel de Cervantes. Em encontro com o reitor Edward Madureira Brasil e com a coordenadora de Assuntos Internacionais, Ofir Bergemann, a professora elogiou a forma de ensino de língua estrangeira na universidade que considerou realmente voltado para uma prática de estudo internacional.

Estudantes da UFG na Universidade de Coimbra

Sete estudantes de licenciaturas da UFG viajam no início do mês de setembro para Portugal. São alunos dos cursos de Artes Cênicas, Ciências Biológicas, Educação Física e Música que cursarão dois anos de sua graduação na Universidade de Coimbra. A outra metade da graduação os estudantes deverão cursar na UFG para que, ao concluí-la, recebam diploma duplo. Os estudantes foram selecionados pelo Programa de Licenciaturas Internacionais. Para concorrer nesse programa, eles tiveram de comprovar que estudaram cinco anos, entre ensino fundamental e ensino médio, em escola pública. Durante a permanência em Portugal, os estudantes receberão da Capes bolsa estadia e auxílio moradia.

Vice-reitor dá boas vindas a estrangeiros em intercâmbio

No dia 23 de agosto o vice-reitor Eriberto Marin, pró-reitores e coordenadores de projetos de mobilidade internacional deram as boas vindas a cerca de 30 estudantes estrangeiros em intercâmbio na UFG. Por meio de diferentesprogramas e convênios a universidade pôde receber intercambistas de países como, Alemanha, França, Holanda, Bélgica, Espanha, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e Estados Unidos.

TEMPO DE ESTÁGIO

Gilmara Roberto

Aberta a temporada de *trainee*

Fim de ano é tempo de conclusão de graduações e de surgimento de novas oportunidades. E para quem está se formando em 2010 (ou que haja se formado desde dezembro de 2008) e quer iniciar imediatamente a carreira profissional, a dica é ficar atento às oportunidades de obter uma vaga como *trainee*.

Programas de *trainee* são, em regra, organizados por empresas de grande porte e tem o propósito de capacitar formandos e recém-formados. Durante o período em que estiver na empresa, o contratado receberá treinamento para exercer funções em sua área de formação e para gerenciar sua carreira. O contrato pode durar de um a três anos e a grande vantagem é que, na maioria dos casos, ao encerrar o contrato de *trainee* os jovens profissionais continuam na empresa empregados.

Para contratar os recém-formados, as empresas realizam diferentes tipos de processos seletivos. Como formas de avaliação, elas se utilizam de métodos menos formais, como dinâmicas de grupo e testes on-line. Entre os principais critérios estão fluência em língua estrangeira, bom nível de conhecimento em informática, disponibilidade para viagens e ainda capacidade de raciocínio lógico. Vale lembrar que não é exigida experiência profissional e que as vagas são oferecidas em diversas áreas.

O site da Prograd (http://www.prograd.ufg.br/?id_pagina=6805&site_id=89) traz informações sobre vagas de trainee disponíveis, a indicação de sites e os endereços eletrônicos de cerca de vinte empresas (muitas delas multinacionais) que estão à procura de jovens talentos.

PERRO LOCO consolida-se no meio universitário

Celebrando sua quarta edição, festival de cinema universitário lida com a saída de seus membros fundadores e a responsabilidade de se firmar no cenário nacional

Tiago Gebrim

Abordando o tema "Rito de passagem", a quarta edição do Perro Loco – Festival de Cinema Universitário Latino-Americano foi realizada entre os dias 24 e 29 de agosto, no Câmpus Samambaia da UFG. Foi exibido um total de 88 filmes, sendo 42 na mostra competitiva e 46 na mostra paralela. Participaram do festival produções cinematográficas de sete países latino-americanos, além do Brasil, Argentina, Costa Rica, Chile, Equador, Paraguai, Cuba e Colômbia.

Um dos destaques entre os convidados para o festival foi o diretor Ivan Cardoso, que seria homenageado por seus 40 anos de estrada no ambiente do cinema. Mas, em virtude de problemas de ordem pessoal, sua vinda foi cancelada. Ainda assim, sua presença foi bem marcada pela apresentação de vários filmes de sua autoria. Por exemplo, foi o documentário *ABC do amor de Tim Maia* que abriu oficialmente o Perro Loco 4. Além de Cardoso, outros nomes importantes figuraram no evento, como o ator Paulo César Pereio, o diretor paraguaio Paulo Llamar e Francisco César Filho, produtor de festivais. Todos, de alguma maneira, dialogavam com a proposta do evento.

O festival foi concebido, originalmente, com a intenção de promover curtas-metragens do estado de Goiás. Mas, já em sua edição de estreia, em 2007, englobou a dimensão latino-americana. Na segunda edição, no ano seguinte, a projeção dos filmes extrapolou os limites do câmpus da universidade e os organizadores conseguiram a exibição da mostra paralela no Cinema Lumière, na região central de Goiânia.

Carlos Siqueira

Platéia no Cine UFG durante a exibição do filme ABC do amor: expectativas alcançadas

Em sua quarta realização, o Perro Loco busca a profissionalização, para se firmar entre os demais festivais de cinema universitários do país. O tema "Rito de passagem", mais do que um recorte estético, está intrinsecamente sintonizado com as aspirações dos participantes e o momento que o festival vivencia. Conforme explica a assessora de imprensa Paula Falcão, "o grupo está em transição, em busca de profissionalismo e vendo os participantes originais do projeto saírem da faculdade.

Complementando sua função original de projeto de extensão, o festival trouxe uma programação cultural que procurou integrar os universitários e a comunidade goianiense. Depois das mostras realizadas durante o dia, vários shows com bandas de Goiânia e de outras partes do país fecharam as noites do festival. Um total de 13 apresentações musicais, indo do heavy metal ao samba, procurava agradar ao variado público.

conpeex 2010

Minicursos Conpeex

Conhecimento acessível à sociedade

Em 2010, o Conpeex oferecerá diversos minicursos para toda a sociedade. Para participar, não é necessário inscrever-se no Conpeex, basta procurar a coordenação do minicurso na data e no local indicado ou se inscrever no site:

www.ufg.br/minicursos

Data: 18 a 22 de outubro de 2010
Local: Câmpus I e Câmpus Samambaia, Goiânia

Apoio FUNAPE 30 ANOS

Realização UFG 50 CONHECIMENTO SEMPRE PRESENTE

UFG 50 ANOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Universidade Federal de Goiás